

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redação e administração
AVENIDA RANGEL, PESTANA N.º 251.
(Antiga Ladeira do Cargos, 9)

Numero avulsos
Ano

ASSINATURAS:
\$200 -- Semestre
10\$000 -- Pacote: 12 exemplares 2\$000

Toda correspondência, vales e registros
devem ser endereçados a Rodolfo Felipe
CAIXA POSTAL 198 - S. Paulo (Brasil)

A greve dos motoristas

Com uma coesão que surpreendeu a todos quantos foram acompanhados os movimentos sociais, os motoristas da cidade de Uberaba, em greve há mais de uma semana, mantêm-se firmes e determinados em lutar por seus direitos e melhorias de trabalho.

Os motoristas de Uberaba são os melhores. Constituem uma série de reivindicações necessárias, humanas, justas, para todos os serviços. A situação precária de Uberaba, a que todos os dias vêem os seus carros, todos os dias que não têm carros, trabalham como empregados.

A paralisação dos trabalhos de Uberaba, não é a situação de angústia em que se debate a cidade, não porque os fazendeiros e comerciantes fazem negócios contínuos e obtêm um pequeno lucro, e não porque os serviços de Uberaba não são necessários à cidade.

Não obstante serem justas as suas reivindicações, o Prefeito da Capital, Sr. Fábio Prado, fez uma greve da imprensa, não dando espaço de fala de imprensa, nem de opinião de imprensa. O Prefeito da Capital, Sr. Fábio Prado, fez uma greve da imprensa, não dando espaço de fala de imprensa, nem de opinião de imprensa.

Porém, não se pode esquecer a situação de Uberaba, não porque os fazendeiros e comerciantes fazem negócios contínuos e obtêm um pequeno lucro, e não porque os serviços de Uberaba não são necessários à cidade.

Deve-se lembrar que a greve dos motoristas de Uberaba, não é a situação de angústia em que se debate a cidade, não porque os fazendeiros e comerciantes fazem negócios contínuos e obtêm um pequeno lucro, e não porque os serviços de Uberaba não são necessários à cidade.

Os motoristas de Uberaba são os melhores. Constituem uma série de reivindicações necessárias, humanas, justas, para todos os serviços. A situação precária de Uberaba, a que todos os dias vêem os seus carros, todos os dias que não têm carros, trabalham como empregados.

Objetos ofertados à 'A PLEBE'

Objetos ofertados à 'A PLEBE'...

Falencia do Estado ou bancarrota do regime?

O assunto palpitante do momento, que todos os jornais comentam e criticam, no Brasil, é fornecido pela suspensão de pagamentos da nossa dívida externa, anunciada pelos meios oficiais.

Dizemos da nossa dívida, porque somos nós, são os trabalhadores que deverão pagar, e em ouro puro de lei, as dívidas contraídas pelos governantes com as suas orgias diplomáticas, os seus desvarios políticos, as suas grossas pagodeiras burocráticas e os seus crimes guerreiros.

Nós, os que na fábrica, na oficina, no campo e no comércio, batendo o malho ao calor assistente das fornalhas, manejando os teares, dirigindo as charruas ou de enxada em punho nos charradores dos cafezais comemos o pão que o diabo amassou, nós, os produtores, é que temos de por a língua de fora limpar o suor as mangas da camisa, quando a temos, para que não falte o ouro aos nossos patrões, os banqueiros do Wall-Street e das Bolsas londrinas.

Quando tenha lido "I. Argent" de Zola, devesse saber como se foge, na Bolsa, com a inserção dos operários escravizados à iniquidade de um regime econômico de avarúrios, como das transações bancárias, do jogo de cambiais, do labor dos multinatas das finanças, dependem a paz e a guerra, a fome e o massacre, a vida de milhões de seres que se julgam perfeitamente guardados por Deus e protegidos por um Anjo da Guarda de espada reluzente e luminosa.

Os interesses do capitalismo internacional, o espírito traidor de uma consciência que nunca determinou humanidade ou grandeza industrial, levou a guerra, a fome, a miséria, a prostituição e o desespero do ser que também produziria.

Finalmente, a situação precária de Uberaba, a que todos os dias vêem os seus carros, todos os dias que não têm carros, trabalham como empregados.

Finalmente, a situação precária de Uberaba, a que todos os dias vêem os seus carros, todos os dias que não têm carros, trabalham como empregados.

diminua a capacidade consumidora, enquanto que, por outro lado, o aperfeiçoamento industrial aumenta a capacidade produtiva, dando como resultado o desequilíbrio entre a produção e o consumo, produzindo-se o "crack" em todos os produtos, o que obriga os mercados a uma desvalorização contínua.

Para remediar esse mal irremediável, cada país adota uma política econômica de defesa dos seus produtos. E surge a guerra de tarifas, o protecionismo, a destruição sistemática dos produtos que não se vendem, isto é: queima-se o trigo na América do Norte, queima-se café no Brasil, matam-se carneiros na Argentina e assim por diante.

Isso, quando a fome bate as portas da pobreza, e quando os Estados totalitários dos governos fortes criam impostos sobre os que trabalham para sustentar os desempregados.

Em consequência da guerra de tarifas, das barreiras alfandegárias, a exportação fica reduzida a zero ou pouco mais. O comércio fica instável, sobre a desca facilitada o jogo dos banqueiros, as falências entram na ordem do dia, aumenta o desemprego, vem a ruína e a bancarrota.

Cada Estado escorça, então, a uma política artificial, pretendendo controlar o comércio. E surge o comércio negro, as negociações clandestinas e o caos no comércio.

Ferme-se um círculo vicioso em que a administração pública fica sendo um jogo de interesses.

A política imposta pelos banqueiros, lança mão de extremos violentos para obter as perdas que esse estado de coisas representa e produz. O povo perde paz, os governos dão-lhe metrônica, pelo trabalho e os governos dão-lhe metrônica, pelo trabalho e os governos dão-lhe metrônica, pelo trabalho.

Como reação natural, desvalorizam-se as moedas, as pessoas são empurradas para a pobreza, o comércio fica sendo um jogo de interesses.

Como reação natural, desvalorizam-se as moedas, as pessoas são empurradas para a pobreza, o comércio fica sendo um jogo de interesses.

de exploração sentimental, ao cultivo do nacionalismo jacobinista, e, como consequência, a mobilização forçada das populações, às corridas armamentistas, ao contrabando de armas, ao relaxamento moral dos compromissos e ao abandono prático dos tratados comerciais e diplomáticos.

Entra-se no regime da falência moral do Estado, da falência econômica da nação, da falência política do regime e da sociedade.

O calote torna-se geral: os governos recorrem ao aumento de impostos, criam taxas especiais e a vida do produtor torna-se um inferno.

A lavoura, sobrecarregada, não se aguenta; o comércio, faltando-lhe a capacidade consumidora do campo, fica reduzido ao consumo das cidades; a indústria paralisa, o proletariado entra a viver de infelizes trabalhos apenas alguns dias por semana, a miséria assola os lares, o despoimento desmanteia, furioso, e o círculo continua até extinguir as vidas pavorosas das guerras, no extermínio de homens, mulheres e crianças, no paço dos mutilados, nos assaltos à honra das mulheres pelas multidões de soldados sedentos de sangue e dominados pelo instinto sexual, na deterioração moral, econômica, política e social dos povos e das civilizações.

Não há outro remédio? Não. Mas não dentro do Estado, não na sociedade capitalista.

Se há remédio na organização racional do trabalho, na expropriação da burguesia, na abolição das hierarquias parasitárias, na transformação dos exércitos em atividades produtivas, na posse por parte dos trabalhadores dos meios de produção e de transporte, na organização social dos meios e dos lares, na existência mútua no estabelecimento mútuo, na possibilidade coletiva, na comunidade libertária.

Quando isso não se der, não há remédio.

A missão dos trabalhadores é a de lutar por sua liberdade, a de lutar por sua liberdade, a de lutar por sua liberdade.

A missão dos trabalhadores é a de lutar por sua liberdade, a de lutar por sua liberdade, a de lutar por sua liberdade.

A missão dos trabalhadores é a de lutar por sua liberdade, a de lutar por sua liberdade, a de lutar por sua liberdade.

A sanha integralista

Em Uberaba, um chefe integralista assassina um homem, a tiros de revólver, e fere outro, por não lhe quiserem publicar um artigo sem assinatura

Por toda a parte os famigerados integralistas são os diabinos. Estuprados, sanguinários, selvagens, são os aditivos que melhor os qualificam.

Acabamos aqui de tomar conhecimento de uma violenta cena de sangue que se desenrolou na cidade de Uberaba, cujo autor foi um desses tipos integralistas, que acham que é uma grandeza de carácter ferir os olhos a lógica dos argumentos de um seu contrário e, usando-se acham sem força moral capaz de destruir essa lógica que o comumente, tapa a boca a boca do outro e sobre colar na sua mesquinha possessão de instintividade.

De acordo com as notícias aqui chegadas, o integralista de Henrique Vieira da Silva, que se havia lançado no campo publicamente em uma conferência "integralista", em que pregou o seu "sermão" para ser conhecido a maior número de ignorantes possíveis, vingando-se com o seu "sucesso" resolveu ferir um artigo a seu modo, e para lhe dar publicação processou um jornal da cidade localidade "A Gazeta de Uberaba".

Como naturalmente julgou que um artigo assinado por ele não seria publicado, bastante crédito por parte dos editores, que impediu a publicação do artigo, não havia recebido, portanto, de lá, com esse direito, pelo fato de a publicação do jornal ser de sua posse.

Mas, o Sr. Manoel Mendes Andre, diretor da Gazeta de Uberaba, não se deu por vencido e, bastante crédito por parte dos editores, que impediu a publicação do artigo, não havia recebido, portanto, de lá, com esse direito, pelo fato de a publicação do jornal ser de sua posse.

Daí nasceu uma forte discussão, que deu origem a uma série de ataques pessoais de Henrique Vieira da Silva, que se lançou no campo publicamente em uma conferência "integralista", em que pregou o seu "sermão" para ser conhecido a maior número de ignorantes possíveis, vingando-se com o seu "sucesso" resolveu ferir um artigo a seu modo, e para lhe dar publicação processou um jornal da cidade localidade "A Gazeta de Uberaba".

Como naturalmente julgou que um artigo assinado por ele não seria publicado, bastante crédito por parte dos editores, que impediu a publicação do artigo, não havia recebido, portanto, de lá, com esse direito, pelo fato de a publicação do jornal ser de sua posse.

Estranhacos

Estranhacos...

O testamento de praximico

CONTEUDO DO DOCUMENTO

CONTEUDO DO DOCUMENTO

CONTEUDO DO DOCUMENTO



